

OS HAGIOTOPÔNIMOS NA TOPONÍMIA RURAL/ACIDENTES HUMANOS DAS MICRORREGIÕES DE IGUATEMI/MS E TOLEDO/PR

Silmara Cristina Batista da Silva¹

RESUMO

Este artigo discute os resultados do estudo comparativo entre os hagiotopônimos que nomeiam acidentes humanos rurais—*fazendas*, localizadas em municípios que integram a microrregião de Iguatemi/MS e a microrregião de Toledo/PR. O *corpus* relativo à área geográfica de Mato Grosso do Sul foi extraído do Sistema de Dados do Projeto ATEMS – Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul e o referente ao Paraná foi extraído dos mapas oficiais do IBGE com escala 1:100.000 (2010). Para este estudo, o norteamento teórico pautou-se sobretudo nas contribuições de Dick (1990; 1992; 2001; 2020); Isquierdo (2011; 2018) e Sapir (1969).

Palavras-chave: toponímia rural, Mato Grosso do Sul, Paraná, hagiotopônimos.

1 Introdução

A Toponímia configura-se como um campo de investigação de natureza linguística, pois, ao nomear, o ser humano expressa traços de sua essência espiritual, da cultura e do ambiente em que vive no designativo. Nesse sentido, Dick (1998, p. 99) ressalta que os “interditos de marcas” ocorrem tanto na Toponímia como na Antroponímia e sua gênese está ancorada nos costumes e hábitos do grupo definidores da macrovisão de sua cultura.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E-mail: silsfc@hotmail.com.

Transmitidos pelas gerações, os nomes incorporam hábitos de um grupo social e os individualizam, tornando-os únicos representando seus valores. Nesse sentido, Dargel e Isquierdo (2018, p. 92) enfatizam que o estudo do topônimo de uma localidade consubstancia fatos culturais, linguísticos, políticos, econômicos, históricos, étnicos, míticos, sociais, estruturais, geográficos e filosóficos do homem que com ela tem relação e nomeou os elementos geográficos, o que os configura como um rico repositório cultural.

Assim, o encantamento pelo desvendar das reais motivações despertadas no denominador ao nomear um espaço instiga o pesquisador a aprofundar o conhecimento acerca dos elementos étnicos, culturais e linguísticos da localidade. O simbolismo presente nos designativos trazem em sua gênese a essência do passado de um povo. Nesse sentido, Dick (200, p. 79) ressalta que é o “simbolismo das formas linguísticas que transforma nomes em lugares existenciais e indivíduos em personalidades sociais.” (DICK, 2001, p. 79).

Dessa forma, destaca-se que o léxico da língua em uso ultrapassa o próprio ato de nomear, uma vez que revela a cultura de uma sociedade, permitindo, assim, reconstruir os sujeitos protagonistas dos aspectos da história, dos valores e costumes dos grupos humanos dos quais eles fazem parte, o que leva Dick a considerar que “o modelo toponímico utilizado em qualquer região é o mesmo da língua falada, as unidades terminológicas de um são recortadas do outro, de seu quadro de ocorrências vocabulares” (DICK, 2004, p. 40). Sobre o tema, Cardoso (2016, p. 215) pondera que o “léxico é fonte de atração para o estudioso da linguagem” pois a inter-relação estabelecida com os diferentes aspectos de vida pode apontar para a história de um povo ou de determinado espaço.

Nesse sentido, o léxico se torna uma constante fonte de conhecimento sobre a cultura que se mantém vinculada aos nossos antepassados. Dessa forma, a Toponímia, pertencente à área da Onomástica, articula os saberes linguísticos interseccionando os dados das demais ciências, o que a configura como “um imenso complexo línguo-cultural” (DICK, 1990, p. 16).

Logo, o estudo dos designativos dos acidentes humanos rurais das microrregiões de Iguatemi/MS e de Toledo/PR objetiva investigar a presença de marcas denominativas comuns, mais precisamente quanto a topônimos de propriedades do meio rural que remetem a nomes de santos e santas do hagiológico romano católico. Para tanto, foi realizada uma análise comparativa dos hagiotopônimos identificados nas microrregiões

de Iguatemi no estado de Mato Grosso do Sul e de Toledo, situada no estado do Paraná. As discussões contemplam a estrutura morfológica e a língua de origem dos sintagmas toponímicos, bem como a produtividade dos nomes femininos, masculinos e os hagiopônimos mais populares de cada microrregião. O estudo orienta-se, dentre outros, pelas contribuições de Dick (1990; 1992; 2004), de Isquierdo (2011; 2018) e de Sapir (1969).

2 Língua, cultura e sociedade

Toda a trajetória humana está intimamente relacionada ao processo de comunicação e a sua evolução acompanha o próprio caminhar do homem. Interessante destacar que à medida que uma determinada comunidade amplia seu relacionamento com o mundo, os seus integrantes se tornam personagens centrais do aperfeiçoamento e da multiplicação da capacidade comunicativa, envolvendo, nesse sentido, os textos verbais e não-verbais que interagem e contribuem para a representação oral e escrita das sociedades, logo, a língua é o código desenvolvido pelo homem para a transmissão de pensamentos, de ideias e para a interação entre as pessoas.

É por meio da língua que são expressas as mais variadas formas de difusão de uma cultura e é por meio dela que os seres humanos expressam o seu modo e seus valores construindo a sua história e sua identidade. Seabra (2015) relaciona o papel social da língua a um patrimônio cultural, quando atribui aos nomes a responsabilidade de exprimir os sentimentos. Nesse sentido, quando “consideramos a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade” (SEABRA, 2015 p. 73).

A língua de um povo está relacionada a um de seus mais fortes retratos culturais, ou seja, podemos perceber traços da origem de alguém em uma simples conversa informal considerando que cada um possui sua língua, cultura e história. Sapir (1969) discorre sobre a correlação entre língua e cultura e defende que

[...] a língua está se tornando uma guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura. Em certo sentido, a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa. É uma ilusão pensar que podemos entender os lineamentos significativos de uma cultura pela pura observação e sem o auxílio do simbolismo linguístico, que torna esses lineamentos significativos e inteligíveis à sociedade (SAPIR, 1969, p. 20).

Abbate (2012, p. 141), ao discorrer sobre a relação entre o homem e a linguagem, assinala que “o homem só existe histórico e socialmente quando houver linguagem para expressar essa história social”. É bem verdade que sem a língua não há sociedade, não há possibilidade de vida humana e muito menos de desenvolvimento. A comunicação sedimenta todos os passos de uma geração, apoiando-se no léxico que, por sua vez, cumpre o papel fundamental de perpetuar um passado construído por indivíduos integrantes de uma sociedade.

Assim como a língua está correlacionada aos aspectos sociais e possui a heterogeneidade como característica, é compreensível que o Brasil, à época de seu descobrimento, tenha absorvido esse momento de interculturação motivado pelas distintas etnias que aqui se encontravam e que viriam, mais tarde, a compor o cenário da miscigenação da população brasileira: o africano, o indígena e o português. Essas línguas advindas de outras sociedades e culturas diferentes deram início ao processo de variação linguística na língua portuguesa do Brasil. Dick a esse respeito (2001, p. 136) argumenta que “não apenas com as línguas indígenas brasileiras ocorreu esse processo de interculturação e trocas, mas também com as línguas africanas, aqui faladas tanto na zona urbana como na zona rural”.

Esse processo contribui para o enriquecimento da língua, pois as experiências, culturas e costumes são transmitidos por meio da língua que, por sua vez, produz a comunicação e, conseqüentemente, decodifica o rico acervo de expressões de diferentes regiões, inclusive aquelas que se perseveraram e resistiram, perpetuando-se no tempo e no espaço.

3 Taxionomias toponímicas: Dick (1990; 1992)

Em relação à motivação toponímica, Dick esclarece que o topônimo mantém em sua estrutura uma forma de língua que é animada por uma substância possuidora de conteúdo, apenas a funcionalidade do emprego de determinado topônimo é que adquire uma dimensão maior, pois o que antes era arbitrário agora se transforma no batismo do lugar (DICK, 1990, p. 18).

Isquerdo (2011, p. 469) contempla a complexidade denominativa quando considera a subjetividade do denominador no ato da nomeação, para a autora, a marcação

de um território envolve aspectos psicológicos que geralmente fazem parte de um pensar individual, já que a denominação implica impressões próprias acerca do espaço.

A proposta taxionômica voltada para a toponímia brasileira, concebida por Dick no ano de 1990 e reformulado em 1992, traz um modelo classificatório voltado para pesquisas realizadas na área da toponímia que ampara o pesquisador, não só como instrumento de trabalho, mas também como subsídio teórico na investigação da causa motivadora dos topônimos.

[...] conscientes da necessidade de se buscar os modelos taxionômicos para os vários conjuntos de topônimos, um agrupamento macro-estruturais, procurou-se, nos ordenamentos sistemáticos das ciências humanas afins à toponímia, e em algumas poucas obras alienígenas especializadas, os elementos que permitissem a apresentação de um quadro classificatório, de maneira a satisfazer a demanda da pesquisa (DICK, 1990, p. 24).

Dargel e Isquardo (2018, p. 92), ao discorrerem sobre o modelo taxionômico de Dick (1992), enfatizam que “A toponímia, disciplina ampla e que, apesar de ter no Brasil metodologia bastante sistematizada, ainda é de caráter aberto e dinâmico”. A classificação toponímica é complexa e, por isso, faz-se necessário o emprego correto da expressão designativa, pois a possibilidade de erro deve ser quase nula em relação à motivação toponímica. O grande eixo norteador se encontra no vínculo existente entre o objeto nomeado e o seu denominador. Esses dois fatores estão intimamente ligados pela relação entre a natureza da taxionomia e as motivações que o espaço geográfico nomeado desperta no nomeador. Nesse sentido, Dick (1990, p. 25) esclarece que “o mecanismo de nomeação, causado, portanto, por influências externas ou subjetivas, transparece em topônimos das mais diversas origens e procedências”.

É importante frisar que a catalogação dos topônimos prima pelo produto gerado de uma denominação e não mais pelo termo doado em si. Primeiramente, tem-se o homem que determina a nomeação de um espaço geográfico e todos os motivos para que o faça e, posteriormente, há a possibilidade da investigação do nome no âmbito dos estudos toponímicos.

A proposta de Dick é estruturada em dois aspectos: físico e antropocultural (DICK, 1992, p. 26). Tem-se, assim, a formulação de uma terminologia técnica, em que o sintagma toponímico é constituída pelo termo genérico, ou seja, o elemento geográfico e do termo específico, o *topônimo* propriamente dito que define a sua categoria segundo

a classificação *onomástica*. Ex. Fazenda [elemento genérico] *Santo Antônio* [elemento específico]. Em se tratando de topônimos de natureza física, por exemplo, nomes filiados a características vegetais ou minerais receberam a classificação de *fitotopônimos* e *litotopônimos*, respectivamente. O primeiro termo do sintagma sempre se refere à sua classe genérica e o segundo termo à sua procedência do campo de estudo, por exemplo, Fazenda *Santa Maria* – o sintagma é composto pelo elemento genérico *Santa* e o termo específico *Maria* que resultam no sintagma toponímico: *Santa Maria*.

A versão atual do modelo taxionômico resultado da reformulação feita em 1990 e republicado em 1992 reúne 27 taxes, 11 de Natureza Física e 16 de natureza Antropocultural (Quadro 1).

Quadro 1. Modelo taxionômico de Dick (1992, p. 31-34).

Taxionomias de natureza física	
Taxe	Conceito
<i>Geomorfotopônimos</i>	Taxe que agrupa todas as formas topográficas.
<i>Litotopônimos</i>	Topônimos de feição mineral e que se referem também à constituição do solo
<i>Fitotopônimos</i>	Topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade.
<i>Hidrotopônimos</i>	Topônimos resultantes de acidentes hidrográficos.
<i>Zootopônimos</i>	Topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos e não domésticos.
<i>Cardinotopônimos</i>	Topônimos relativos às posições geográficas em geral.
<i>Cromotopônimos</i>	Topônimos que se referem à escala cromática.
<i>Dimensiotopônimos</i>	Topônimos que expressam extensão, comprimento, largura, espessura, altura ou profundidade.
<i>Meteorotopônimos</i>	Nomes de lugares ligados a fenômenos atmosféricos.
<i>Morfotopônimos</i>	Topônimos que refletem as formas geométricas.
<i>Astrotopônimos</i>	Topônimos relativos a astros celestes em geral.

Taxionomias de natureza Antropocultural	
Taxe	Conceito

<i>Animotopônimos</i> <i>Nootopônimos</i>	<i>ou</i>	Topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual levando em consideração todos os aspectos voltados ao psiquismo humano.
<i>Antropotopônimos</i>		Topônimos em que sobressaem os nomes próprios individuais, sejam eles prenomes, sejam apelidos de família.
<i>Axiotopônimos</i>		Topônimos relativos aos títulos e dignidades que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais.
<i>Hierotopônimos</i> ²		Topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana e tantas outras pertencentes ao cenário religioso mundial.
<i>Corotopônimos</i>		Topônimos relacionados aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.
<i>Cronotopônimos</i>		Topônimos que se relacionam a indicadores cronológicos e são representados na toponímia pelos adjetivos novo, nova, velho, velha.
<i>Ecotopônimos</i>		Topônimos que se referem às habitações de um modo geral.
<i>Ergotopônimos</i>		Topônimos que se remetem a elementos da cultura material.
<i>Etnotopônimos</i>		Topônimos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não, povos, tribos, castas.
<i>Dirrematotopônimos</i>		Topônimos constituídos por frases ou por enunciados linguísticos.
<i>Historiotopônimos</i>		Topônimos relativos a movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes.
<i>Hodotopônimos</i> <i>ou</i> <i>Odotopônimos</i>		Topônimos relativos a vias de comunicação rural ou urbana.
<i>Numerotopônimos</i>		Topônimos relativos aos adjetivos numerais.
<i>Poliotopônimos</i>		Topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.
<i>Sociotopônimos</i>		Topônimos relativos a atividades profissionais, a locais de trabalho e a pontos de encontro dos membros de uma comunidade como os largos, pátios, portos e praças.
<i>Somatopônimos</i>		Topônimos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou animal.

Elaboração: Autora com base em Dick (1992, p. 31-34).

² Os *Hierotopônimos* são divididos em duas subcategorias: *Hagiotopônimos*, topônimos que agregam nomes de santos e santas do hagiológico romano, e *Mitotopônimos*, topônimos formados por nomes que remetem a entidades mitológica (DICK, 1992, p. 31).

A classificação correta de um sintagma, aliada à motivação toponímica, tende a manter o topônimo vivo e cristalizado em uma comunidade, conservando as suas características linguísticas ao longo do tempo. As taxes buscam, segundo Dick (1990, p. 25), “a recuperação semântica, a motivação e a identidade do topônimo em estudo, servindo assim de fonte de pesquisas para as futuras gerações”, colaborando para a perpetuação das características do designativo.

4 A religiosidade como motivação toponímica

A atividade de nomear exercida pelo homem está diretamente ligada aos seus valores, crenças e aspectos voltados às suas impressões sobre o espaço a ser identificado. Nesse sentido, Krieger (2010, p. 169) destaca que

[...] o léxico retrata-se sempre como um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico (KRIEGER, 2010, p. 169).

A importância do ato de nomear se encerra no vínculo existente entre o seu denominador e a coisa denominada entrelaçando a subjetividade e a cultura exercida no ato de nomear. Biderman (1998, p. 81) ressalta que o “vínculo de essência entre a coisa ou o objeto que ele designa”, criando uma atmosfera hierárquica de poder do nome sobre o objeto nomeado, evidenciando, dessa forma, os elos existentes entre o processo de criação do nome.

Nesse aspecto, considerando o fator social e subjetivo inerente à atividade nomeadora, faz-se necessário reconhecer o vínculo entre o nativo que aqui vivia com o seu processo designativo, pois, mesmo antes da chegada dos europeus em terras brasileiras, os índios que aqui viviam relacionavam as suas divindades e com as explicações para certos fenômenos ligados à natureza e às manifestações naturais do meio em que viviam, ou seja, vivenciavam uma experiência muito peculiar com o abstrato.

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, houve a introdução de uma nova representação religiosa, no caso, a fé católica que foi trazida pelos europeus e que, paulatinamente, foi se instalando, conquistando, disseminando e impondo, no novo espaço, seus costumes e tradições. Nesse sentido, Dick (1990, p. 312) pondera que

[...] o Brasil nasceu sob o signo da cruz e da fé, e é justamente nesses elementos que se deve ir buscar as raízes da toponímia religiosa nacional, assentada em seus primórdios, na Carta de Pero Vaz de Caminha, nos próprios preparativos da esquadra cabralina que culminaram na descoberta do Brasil, [...] e, recuando ainda um pouco mais, na própria filosofia medieval de exaltação dos bens espirituais e do desejo de propagar o Santo Nome de Cristo e seus ensinamentos entre os povos pagãos (DICK, 1990, p. 312).

A religiosidade ultrapassou as correntes marítimas, perpassou todos os limites impostos por intempéries da natureza e chegou ao Brasil por meio do colonizador português que, em terras tupiniquins, fez consolidar os cultos relacionados à fé difundida pela Igreja Católica: Nesse sentido, Carvalho (2018) ao citar Kuhnen (2005), comenta que

A fé cristã e Igreja Católica apareceram na costa brasileira, no raiar do século 16, pelas mãos do Padroado Português Ultramarino. Os portugueses que descobriram as terras brasileiras e que nela se estabeleceram, colonizando-a gradualmente, trouxeram também a sua fé cristã e transferiram para a colônia boa parte da organização eclesiástica que já tinham no reino, bem como aplicaram com grande desenvoltura o Regime de Padroado régio que devia ser introduzido nas terras ultramarinas de Portugal. A Igreja que nasce no Brasil no século 16 torna-se, a certo modo, uma extensão daquela Igreja Católica que existia em Portugal, com todas as suas características de expressar a fé cristã (KUHNEN, 2005, p.25 apud CARVALHO, 2018, p. 127).

Cabe ressaltar que a implementação dos cultos e tradições religiosas continuaram se solidificando ao longo do Brasil colonial e, com o passar do tempo, a imposição dessa religiosidade foi se intensificando à medida que as conquistas portuguesas avançavam pelo Brasil. Nesse particular, Carvalho (2018) pontua que,

No que se refere às devoções trazidas para as terras brasileiras, os missionários e as ordens religiosas a que pertenciam merecem destaque, visto que, desde as primeiras embarcações portuguesas, o contingente desses religiosos sempre foi representativo: primeiro, na fase inicial da civilização brasileira, vinham para evangelizar os indígenas; depois, vinham com finalidades missionárias ou educativas. Nessa perspectiva, as associações religiosas exerceram grande influência na origem e difusão das devoções no Brasil (CARVALHO, 2018, p. 128).

Ainda, no ato da descoberta das terras brasileiras, documentos foram criados constando nomeações de acidentes geográficos que atestavam a motivação religiosa e os costumes dos viajantes, como exemplo, o caso do acidente geográfico *Monte Pascoal*, assim nomeado porque foi avistado na data de celebração da Páscoa cristã. Acerca dessa

questão, Dick (1990, p. 314) argumenta que,

Dos acidentes geográficos recém-nomeados, dois deles se enquadram na sistemática denominativa genérica, de se buscar os motivos nas inscrições do calendário religioso, costume, aliás, bastante difundido entre os viajantes.

A religiosidade dos primeiros viajantes, aliada à obediência a Roma por serem o maior país católico europeu, sedimentaram laços profundos no processo de nomeação dos acidentes humanos e geográficos do Brasil, o que, com o tempo, foi “unificando” os povos por meio da implantação de uma cultura que legitimou a subjetividade de um grupo que, por sua vez, se materializou nos topônimos criados. Segundo Ribeiro (2015, p. 42),

[..] a prática da denominação motivada por nomes de divindades é recorrente na história das diferentes sociedades. Logo, o estudo de influências de crenças religiosas no ato de nomeação de um lugar evidencia marcas culturais e religiosas da população que habita ou habitou a região, permitindo identificar até onde os mecanismos de nomeação pela fé implicam sobreposição linguística, além de apontar aspectos da relação entre a fé e os traços ideológicos de determinada comunidade. (RIBEIRO, 2015, p. 42).

A nomeação pautada na religiosidade tende a revelar um passado influenciado, sobretudo, por colonizadores que trouxeram arraigados em sua cultura uma base solidificada na prestação do culto a divindades da sua crença religiosa.

5 Metodologia

Os acidentes humanos rurais – *fazendas* – analisados neste estudo foram extraídos dos mapas oficiais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas) com escalas que variam entre 1:50.000 ou 1:100.000 (0000) e do banco de dados do ATEMS (Atlas Toponímico do estado de Mato Grosso do Sul).

A microrregião de Iguatemi/MS está localizada na mesorregião sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, enquanto a de Toledo/PR se situa na mesorregião oeste do estado do Paraná. As duas microrregiões estão interligadas por via fluvial, o rio???? que separa o município de Mundo Novo, pertencente à microrregião de Iguatemi/MS que faz fronteira com o estado do Paraná, por meio do município de Guaíra, que integra a microrregião de Toledo/PR.

As duas microrregiões analisadas são compostas por 36 municípios. A microrregião de Iguatemi/MS abriga 15 municípios, a saber: *Angélica, Coronel Sapucaia, Deodápolis, Eldorado, Glória de Dourados, Iguatemi, Ivinhema, Japorã, Jateí, Mundo Novo, Naviraí, Novo Horizonte do Sul, Paranhos, Sete Quedas e Tacurú*, enquanto a microrregião de Toledo tem em sua área geográfica 21 municípios: *Assis Chateaubriand, Diamante D'Oeste, Entre Rios do Oeste, Formosa do Oeste, Guaíra, Iracema do Oeste, Jesuítas, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Mercedes, Nova Santa Rosa, Ouro Verde do Oeste, Palotina, Pato Bragado, Quatro Pontes, Santa Helena, São José das Palmeiras, São Pedro do Iguaçu, Terra Roxa, Toledo e Tupãssi*³.

A metodologia adotada neste estudo, como já assinalado, pauta-se na proposta de Dick (1992). O *corpus* da pesquisa compõe-se dos topônimos de acidentes humanos rurais – *fazendas* –, localizados nos municípios pertencentes às duas microrregiões selecionadas, mais especificamente os topônimos relacionados aos nomes de santos e santas, os *hagiotopônimos*, conforme modelo taxionômico de Dick (1992, p. 33).

Um aspecto a ser levado em conta em relação à nomeação é que, em algumas situações, a homenagem não se faz ao santo ou a santa do hagiológico romano, mas sim a personagens que foram representativas para o local ou até mesmo exerceram grande influência na vida do denominador. Sobre essa característica em particular, Dick (1990) exemplifica com o topônimo município de *São Manuel*, que em seus primórdios era identificado com o nome de *São Manuel do Paraíso*, que teve como fundador Manuel Gomes de Faria. Dessa forma, o nome não fazia referência ao santo e sim ao fundador da localidade. Denominativos dessa natureza geram complexidade na análise do topônimo, pois “empresta ao topônimo uma aparência religioso-devocional que nem sempre corresponde à realidade fáctica” (DICK, 1990, p. 109). Na microrregião de Iguatemi/MS, os casos dessa natureza são bastante regulares, como nos nomes das fazendas *Santa Marina* e *São Fernando*.

Para a análise dos dados catalogados foram considerados os 14 hagiotopônimos mais recorrentes na microrregião de Toledo/PR enquanto para a microrregião de Iguatemi/MS foram validados 17 hagiotopônimos, pois três deles tiveram o mesmo

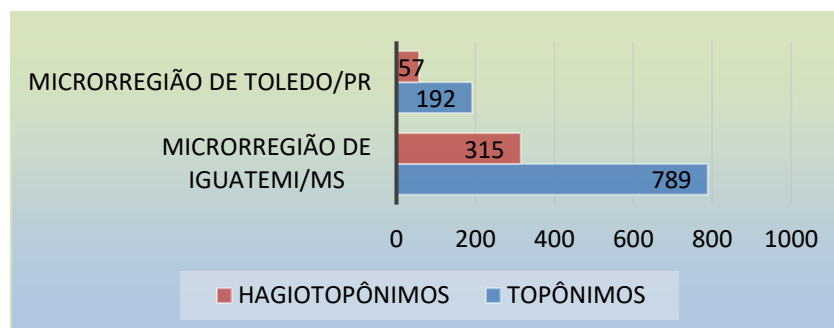
³ Este estudo não considerou as novas demarcações geográficas apresentadas pelo IBGE (2017) que introduz novos parâmetros para a delimitação das novas áreas mesorregionais e microrregionais, uma vez que no Banco de Dados do ATEMS, utilizado como fonte do *corpus* de estudo, os dados estão catalogados, segundo a divisão anterior que considera a divisão em mesorregiões e microrregiões (IBGE, 2010).

número de ocorrência. Os topônimos inventariados embasaram a discussão sobre a incidência dos topônimos em termos de popularidade, de representatividade de topônimos femininos e masculinos. Além disso, foram consideradas a estrutura morfológica e a língua de origem dos hagiopônimos selecionados.

A seguir, serão apresentados os gráficos comparativos em que constam as microrregiões de Iguatemi/MS e de Toledo/PR com a representatividade de topônimos e de hagiopônimos de cada espaço geográfico.

6 Análise dos dados

Gráfico 01. Representatividade de topônimos e de hagiopônimos nas microrregiões de Iguatemi/MS e Toledo/PR



Fonte: elaborado pela autora

No gráfico 1, é possível visualizar com clareza evidência da disparidade identificada em termos de produtividade de *topônimos* e de *hagiopônimos* nas duas microrregiões selecionadas. O motivo da presença elevada de topônimos na microrregião de Iguatemi/MS e do número, relativamente inferior, evidenciado pela microrregião de Toledo/PR pode estar relacionado com a densidade demográfica das duas regiões. Segundo o site *cidade-Brasil*⁴, a microrregião de Iguatemi/MS possui um total de 248.448 habitantes em uma área de 22.456 km², ou seja, a densidade é de 11,1 hab./km². A microrregião de Toledo/PR, segundo o mesmo site, reúne um total de 415.601 habitantes em uma área de 8.755 km², logo, com uma densidade demográfica de 47,5 hab./km², ou seja, o índice populacional por quilômetro quadrado da

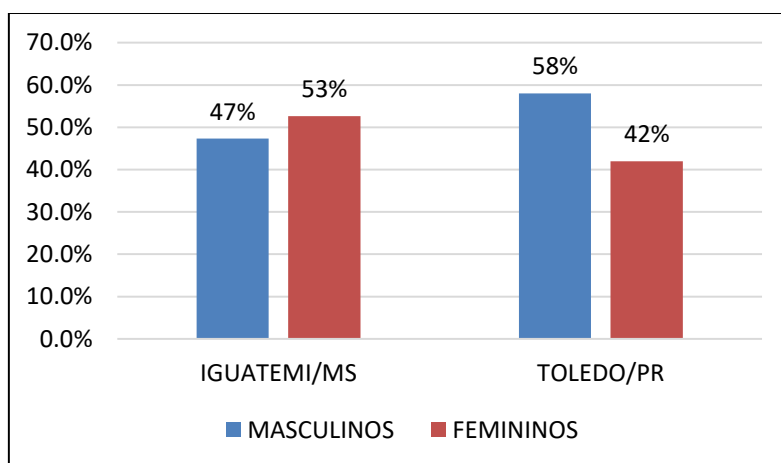
⁴ CIDADE BRASIL. *Microrregião de Toledo*. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-de-toledo.html>. Acesso: 20 dez. 2020.

microrregião de Toledo/PR alcança níveis muito mais elevados do que a microrregião de Iguatemi/MS, o que pode explicar a recorrente incidência de acidentes humanos rurais demarcados como lotes rurais, chácaras e sítios computando um número inferior de grandes propriedades nos municípios da microrregião de Toledo/PR. Já a microrregião de Iguatemi/MS apresenta na área rural a predominância de grandes propriedades de terras (*fazendas*), justificando, assim, o índice elevado de topônimos nessa microrregião contra a baixa produtividade *fazendas*, na microrregião de Toledo/PR.

Em relação à motivação para a incidência de nomes de santos femininos e masculinos, a microrregião de Iguatemi/MS apresentou um percentual de 52.6% de hagiopônimos femininos contra 47,3% de hagiopônimos do universo masculino.

Já a microrregião de Toledo/PR revelou um percentual de 42% de hagiopônimos femininos contra 58% de topônimos formados com nomes de santos do gênero masculino. Os dados mostram, pois, uma produtividade de hagiopônimos masculinos levemente superior à demonstrada pelo universo feminino, apontando, assim, para a divergência do resultado apresentado pela microrregião de Iguatemi/MS que, por sua vez, reúne uma maior incidência de hagiopônimos femininos.

Gráfico 02. Representatividade de hagiopônimos femininos e masculinos nas microrregiões de Iguatemi/MS e Toledo/PR



Fonte: elaboração da autora

A produtividade de hagiopônimos evidenciada na microrregião de Iguatemi/MS ressalta a força da cultura religiosa portuguesa na região estudada, visto que os santos da Igreja Católica sempre exerceram uma forte influência na motivação dos nomes de

acidentes físicos e humanos, não só na região estudada, como também na maioria do território brasileiro. Dentre os santos católicos, o mais recorrente é *Santo Antônio* com 13 registros, o que remete à força da herança lusitana implementada pelos primeiros colonizadores portugueses, pois *Santo Antônio* é um dos mais populares em Portugal sendo lá denominado *Santo Antônio de Lisboa*. Na Itália recebe o nome de *Santo Antônio de Pádua*. De forma abrangente a popularidade e a propagação do culto a *Santo Antônio*, principalmente em Portugal, na Itália e no Brasil foram intensas e sua imagem foi espalhada por esses territórios. Segundo Freyre (2003, p. 303, é “Impossível conceber-se um cristianismo português ou luso-brasileiro sem essa intimidade entre o devoto e o santo”.

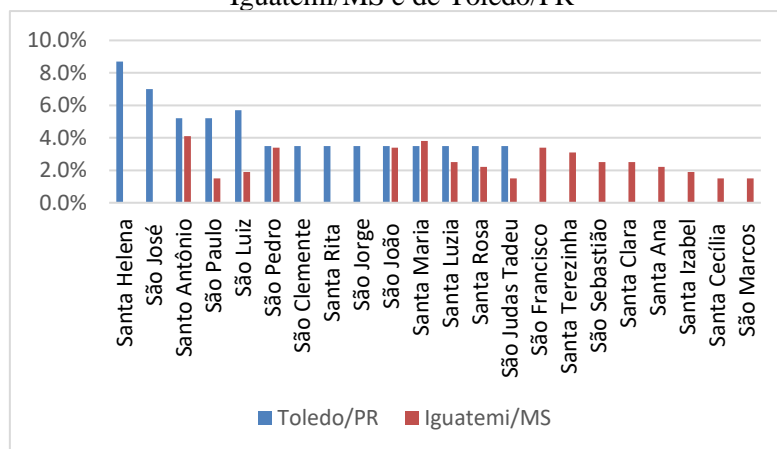
Considerando os termos reincidentes, constatou-se entre as denominações rurais - *fazendas* da microrregião de Iguatemi/MS, 315 hagiopônimos. Dentre eles, os mais frequentes foram: *Santo Antônio* – 13 ocorrências (4,1%); *Santa Maria* – 12 ocorrências (3,8%); *São Pedro* – 11 ocorrências (3,4%); *São João* – 11 ocorrências (3,4%); *São Francisco* – 11 ocorrências (3,4%); *Santa Terezinha* – 10 ocorrências (3,1%); *Santa Luzia* – oito ocorrências (2,5%); *São Sebastião* – oito ocorrências (2,5%); *Santa Clara* – oito ocorrências (2,5%); *Santa Ana* – sete ocorrências (2,2%); *Santa Rosa* – sete ocorrências (2,2%); *Santa Izabel* – seis ocorrências (1,9%); *São Luiz* – seis ocorrências (1,9%); *São Judas Tadeu* – cinco ocorrências (1,5%); *Santa Cecília* – cinco ocorrências (1,5%); *São Paulo* – cinco ocorrências (1,5%); *São Marcos* – cinco cinco ocorrências (1,5%).

A microrregião de Toledo/PR, localizada na região oeste do estado do Paraná, foi ocupada pela *Frente Sulista*, incentivada à época pelo governo de Getúlio Vargas por meio do projeto denominado “Marcha para o Oeste”. O contexto histórico sugere a incidência de *hagiopônimos* que remetem ao século XVI, pela presença das Reduções Jesuíticas na região (ANANIAS, 2013, p. 178). O sintagma *Santa Helena* alcançou o maior número de registros nas denominações de fazendas na microrregião analisada. O município de Santa Helena recebeu teve como primeiros habitantes colonos italianos vindos do estado do Rio Grande do Sul que ali se fixaram e atribuíram à localidade o nome atual (ANANIAS, 2013, p. 62). Possivelmente, essa motivação devocional trazida pelos imigrantes sulistas também tenha se repercutido no município vizinho a Santa Helena - *São José das Palmeiras* –, pois abriga acidentes humanos rurais com a denominação *Santa Helena*, uma homenagem a mês santa do hagiológico romano.

Em relação à microrregião de Toledo/PR, foram identificados entre os 192 topônimos que nomeiam *fazendas*, 57 hagiotopônimos, sendo os mais produtivos os seguintes: *Santa Helena* – cinco ocorrências (8,7%); *São José* – quatro ocorrências (7,0%); *Santo Antônio* – três ocorrências (5,2%); *São Paulo* – três ocorrências (5,2%); *São Luiz* – três ocorrências (5,7%); *São Pedro* – duas ocorrências (3,5%); *São Clemente* – duas ocorrências (3,5%); *Santa Rita* – duas ocorrências (3,5%); *São Jorge* – duas ocorrências (3,5%); *São João* – duas ocorrências (3,5%); *Santa Maria* – duas ocorrências (3,5%); *Santa Luzia* – duas ocorrências (3,5%); *Santa Rosa* – duas ocorrências (3,5%); *São Judas Tadeu* – duas ocorrências (3,5). Os dados evidenciaram a presença de topônimos que homenageiam santos populares no Brasil, possivelmente mantendo conexão com festas tradicionais realizadas pela tradição católica em muitas localidades brasileiras.

O gráfico que segue traz a produtividade de designativos comuns às duas microrregiões selecionadas como universo de estudo, como *Santo Antonio*, *Santa Maria*, *São Pedro*, *São João*, *Santa Luzia*, *São Luiz*, *São Judas Tadeu* e *São Paulo*. Alguns hagiotopônimos pertencentes às regiões estudadas também se reportam ao quadro de santos que motivam festas tradicionais do folclore brasileiro: *Santo Antonio*, *São Pedro* e *São João*. A presença marcante dos santos que representam os hagiotopônimos em estudo nas diferentes regiões brasileiras relacionam-se a traços culturais herdados dos antepassados dos denominadores, visto que as comemorações em homenagens aos *santos* é bastante comum na maioria do território brasileiro.

Gráfico 03. Produtividade de hagiotopônimos mais populares nas microrregiões de Iguatemi/MS e de Toledo/PR

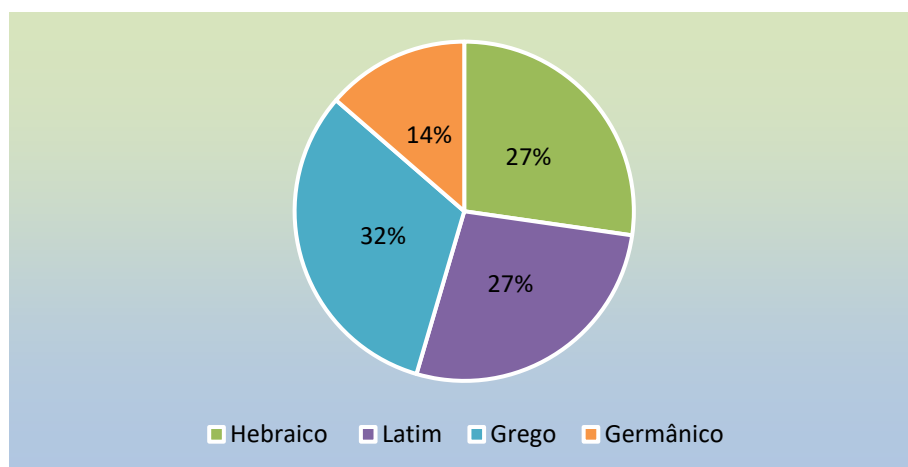


Fonte: elaboração da autora

Em relação à estrutura morfológica dos topônimos analisados, a sua totalidade é formada pelos itens lexicais “santo/santa”, acrescidos de mais um nome, no caso, o do santo homenageado, ou seja, são todos compostos de mais de um termo – Fazenda *Santa Clara*, Fazenda *São José*, Fazenda *Santo Antônio etc.*

Quanto à origem linguística, é possível observar que, apesar de os nomes, em sua maioria, originarem de línguas distintas da portuguesa, só ganharam popularidade a partir da sua difusão pela Igreja Católica e pelos países europeus católicos que professam a fé católica. No caso do Brasil, a maior propagação de nomes de santos se deu pelo povo lusitano, como se pode observar pelo dados do gráfico seguinte.

Gráfico 06. Distribuição dos hagiotopônimos das microrregiões de Iguatemi/MS e Toledo/PR, segundo a língua de origem



Fonte: elaboração da autora

Segundo os dados aqui analisados, predominam os nomes de santos do hagiológico romano de base latina e hebraica (27%). Em algumas situações, os nomes referem-se diretamente a personagens bíblicos, por exemplo, *Paulo (latim)*; *Maria (hebraico)*; *Marcos (latim)*; *José (hebraico)*; *Judas (hebraico)*.

Ainda sobre o origem linguística dos topônimos, é preciso ressaltar que, apesar do número significativo da presença indígena nas regiões selecionadas, não foi observada a influência dessa cultura religiosa no recorte toponímico analisado. Segundo Tavares (2015, p. 173) esse panorama pode ser explicado pelo fato de os nomes, sobretudo os das fazendas, “serem atribuídos pelos proprietários, que, em geral não são indígenas, e dificilmente fazem homenagem à cultura religiosa dessa população”.

Considerações finais

O estudo do recorte toponímico selecionado objetivou discutir manifestações religiosas nos nomes de *fazendas*, nas microrregiões de Iguatemi/MS e Toledo/PR. A presença dos *hagiotopônimos* nessas regiões se destacaram e ganharam relevância pela produtividade apresentada.

Na microrregião de Iguatemi/MS, 39% dos hagiotopônimos fazem referência a nomes de santos e santas difundidos no território brasileiro pelos portugueses. A microrregião de Toledo/PR, fronteira à microrregião de Iguatemi/MS, reuniu significativo número de denominações hagiológicas nos acidentes humanos rurais, especificamente na nomeação de fazendas: 29,6% dos topônimos fazem referência a entidades religiosas.

A significativa incidência de topônimos pertencentes à taxa dos hagiotopônimos no *corpus* analisado reforça a influência das crenças do denominador como fonte de motivação, em especial, quando a denominação remete a um sentimento de devoção ao santo ou à santa por parte do denominador.

O estudo confirmou ainda a dimensão social e cultural das pesquisas toponímicas, à medida que demonstrou a estreita relação entre a escolha do nome e a influência exercida pelos proprietários das fazendas, no caso evidenciada pela veneração a santos e santas do hagiológico romano.

Em termos de estrutura morfológica, dada a característica da taxa dos *hagiotopônimos*, todos os denominativos são de estrutura composta, pois o topônimo é formado pelo formante *santo/santa*, seguido do nome da entidade religiosa (Ex. *Santo Antônio; Santa Helena...*), no caso, na nomeação do elemento genérico *fazenda*. Em se tratando da língua de origem dos topônimos inventariados, as línguas latinas e hebraicas sobrepuseram-se em percentuais, quando comparadas com as línguas gregas e germânicas, também identificadas no *corpus* analisado.

Em síntese, o estudo demonstrou que, em termos de produtividade da taxa dos hagiotopônimos nas duas microrregiões tomadas como objeto de análise, foram constatadas hegemonias nas denominações de fazendas. Acredita-se que as semelhanças identificadas se devem ao processo de colonização ocorrido no Brasil nas diferentes fases da sua história, pois muito antes da chegada dos migrantes nordestinos ou sulistas nas regiões estudadas, já havia a cultura portuguesa implantado a sua marca no território, o

que inclui a difusão da religião católica que inclui a devoção aos santos/santas do hagiolôgio romano por todo o território brasileiro. Já em relação ao gênero dos nomes de santos/santas, observou-se na microrregião de Iguatemi/MS uma incidência considerável de hagiotopônimos femininos (52,3%), contrapondo-se à microrregião de Toledo/PR que evidenciou maior produtividade de hagiotopônimos masculinos (58,3%), dados esses que mantêm laços com o processo histórico das duas microrregião. As “reduções” jesuíticas que atuaram no oeste do Paraná nomeavam suas comunidades com os nomes de santos masculinos como *São José* e *Santo Antônio*, o que pode ter contribuído para o enraizamento do sentimento devocional aos santos e a sua consequente presença da toponímia.

Quanto à popularidade dos santos homenageados na toponímia analisada observou-se que tanto na microrregião de Iguatemi/MS quanto na de Toledo/PR, os hagiotopônimos homenageiam santos populares do Brasil, como *São João*, *Santo Antonio*, *São Pedro* e *São Paulo*, popularidade essa que aponta para uma relação intrínseca entre o denominador e o meio em que vive.

Por fim, ao construir o quadro comparativo entre as duas microrregiões estudadas, confirmou-se que a escolha do nome de lugar relaciona-se com o processo histórico-geográficos que caracterizam as áreas investigadas. As marcas históricas da população são perpetuadas no tempo e no espaço por meio da toponímia, no caso deste estudo, reafirmando a preferência do migrante por hagiotopônimos que representam suas crenças como invocação de proteção diante do novo ambiente no qual deposita suas expectativas positivas de vida.

Referências

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia Social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA Maria Cândida Trindade Costa de. (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Vol. VI. Campo Grande: Editora UFMS, 2012, p. 141-161.

ANANIAS, Anna Carolina Chierotti dos Santos. *Um caminhar pela toponímia das microrregiões de Toledo e Foz do Iguaçu*. 2013. 268 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, 2013.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Língua Portuguesa*, São Paulo, nº 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59660>. Acesso: 10 nov. 2020.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Um passeio pelo léxico rural da Bahia. In: COSTA, Daniela de Souza Silva. BENÇAL, Dayme Rosane (Orgs). *Nos caminhos do Léxico*. Campo Grande: Editora UFMS, 2016, p. 215-230.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. Toponímia religiosa em Minas Gerais: os nomes dos municípios. *Revista de Estudos da Linguagem*, Ouro Branco, v. 26, n. 3, p. 1123-1150, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12888>. Acesso: 10 nov. 2020.

CIDADE BRASIL. *Microrregião de Iguatemi*. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-de-iguatemi.html>. Acesso: 10 dez. 2020.

CIDADE BRASIL. *Microrregião de Toledo*. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-de-toledo.html>. Acesso: 20 dez. 2020.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. ISQUERDO, Aparecida Negri. Apontamentos sobre os designativos humanos rurais no estado de Mato Grosso do Sul. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; CORNO, Giselle Olivia Mantovani Dal. (Orgs.). *As ciências do léxico*. LEXICOLOGIA, Lexicografia, Terminologia. Vol. VIII. Campo Grande: Editora UFMS, 2018, p. 91-110.

DICK. Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK. Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

DICK. Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. *Acta Semiótica et Lingvistica*. SBPL, São Paulo, v. 7, p. 91-122, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/16907>. Acesso: 13 dez. 2020.

DICK. Maria Vicentina de Paula do Amaral. O Português do Brasil Colonial. In: *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, vol. V, nº 06, 2001.

DICK. Maria Vicentina de Paula do Amaral. A língua de São Paulo. *Revista USP*, São Paulo, nº 63, p. 36-63, setembro/novembro 2004. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Adick-2004-lingua/Dick_2004_A_lingua_de_Sao_Paulo.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE (2010). *Cartas municipais da microrregião de Iguatemi*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads->

geociencias.html?caminho=cartas_e_mapas/mapas_municipais/estimativas_populacionais/2019. Acesso em: 10 out. 2020.

INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Cartas municipais da microrregião de Toledo*. https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html?caminho=cartas_e_mapas/mapas_municipais/estimativas_populacionais/2012. Acesso em: 10 out. 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Os animotopônimos na toponímia brasileira: um estudo de caso. CESTERO, Ana María; MARTOS, Isabel Molina; GARCÍA, Florentino Paredes (editores). *La lengua, lugar de encuentro*, 2011, Alcalá de Henare. *Actas del XVI Congreso Internacional de La Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*. España: Alcalá de Henare, 2011, p. 469– 478.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Vol. IV. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 161-175.

RIBEIRO, Priscila do Nascimento. *Religiosidade na toponímia urbana de Campo Grande/MS: entrelaçamentos históricos e linguísticos*. 2015. 154 f. Dissertação [Mestrado em Estudos de Linguagens] – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2015.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: _____ *Linguística e Ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969, p. 18-45.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, Cultura e Léxico, In: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins (Orgs.). *Linguagem, Sociedade e Discurso*. São Paulo: Blucher, 2015, p. 65-84.

TAVARES, Marilze. *Toponímia Sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina*. 2004. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2004.

TAVARES, Marilze. A toponímia das localidades rurais do município de Dourados (MS). *Revista do Gel*, São Paulo, v. 12, nº 2, p. 164-191, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/549>. Acesso em: 12 dez. 2020.

HAGIOTOPONYMS IN RURAL TOPONYMY/HUMAN ACCIDENTS IN THE MICROREGIONS OF IGUATEMI/MS AND TOLEDO/PR

ABSTRACT

This article aims to carry out a comparative study between the hagiotoponyms that name rural human accidents – farms, located in municipalities in the micro-region of Iguatemi/MS and those in the micro-region of Toledo/PR. The corpus related to the geographic area of Mato Grosso do Sul was extracted from the ATEMS Project Data System – Toponymic Atlas of the State of Mato Grosso do Sul and those related to Paraná were extracted from the official IBGE maps with a scale of 1:100,000 (2010) . For this study, the theoretical orientation was based mainly on the contributions of Dick (1990; 1992, 2001, 2020); Isquierdo (2011; 2018) and Sapir (1969).

Keywords: rural toponymy, Mato Grosso do Sul, Paraná, hagiotoponyms.

Recebido em 10/07/2022.

Aprovado em 12/09/2022.